

# NOVOS E VELHOS ELEMENTOS DA FORMAÇÃO SOCIAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS

Fernando Pedrão\*

**Resumo:** O artigo pretende expor o significado histórico da atualidade da região do Recôncavo, construindo um olhar fundado nas transformações da estruturação social, onde a atual composição de classes está impregnada dos elementos pretéritos da sociedade escravista. O que é socialmente novo tem elementos de continuidade da sociedade antiga, que se reproduz pela fragilidade da modernização. Os novos modos de controle social e de recursos da região mostram novas condições de internacionalidade que representam um desafio para a análise social.

**Palavras-chave:** História social; modernização desigual; exclusão social.

**Abstract:** This article delineates the present historical significance of the Recôncavo, analyzing the transformations of the social structure whose class composition is still impregnated with old elements of the slave society. What is socially new has invariably elements of continuity with the past society, which is reproduced because of the fragility of its modernization. The new forms of social control and of the local resources show new conditions of internationalization which represent a challenge to social analysis.

**Keywords:** Social History; uneven modernization; social exclusion.

---

\* Livre-docente da UFBA, diretor do Instituto de Pesquisas Sociais, professor da Universidade Salvador.

## Um realinhamento do debate

Finalmente, já começado o século XXI, se reconhece que o Recôncavo<sup>1</sup> é uma região onde se concentram relações econômicas e políticas conflitivas, que surgem das novas formas de concentração de poder econômico: a predominância indiscutida da influência da produção de petróleo e derivados e a renovação da produção canaveira. Outra vez, torna-se necessário reconhecer que há uma internacionalidade seletiva, que tem seus modos próprios de gerar pobreza e exclusão social. Para estabelecer uma visão atual do Recôncavo como região e enquanto lugar de um processo social, ou seja, para ver essa região na perspectiva histórica de sua formação social, é preciso acompanhar a relação entre suas ligações com o exterior e a estruturação social local. Os limites administrativos da região encobrem uma complexa realidade histórica, que sugere distinguir uma parte norte, que compreende municípios que se confundem com a região do Agreste e que estão ao norte da falha geológica da bacia do Rio Jacuípe; e uma parte sul, que compõe a meia lua em torno da Baía de Todos os Santos e cuja ponta sul é o estuário do Rio Jaguaribe. Além disso, é uma região em quatro patamares de altura: os manguezais, a planície de Santo Amaro e Cachoeira e a “mata fina”, que são os “tabuleiros” que vão da parte alta dos municípios que estão entre as bacias dos rios Paraguaçu, Subaé e Jacuípe.

Essa região foi criada pelos interesses de capital mercantil já internacionalizado em busca de meios materiais para expandir-se, que se instalou em Salvador. A prosperidade do açúcar criou uma classe subalterna rica – os senhores de engenho – que se tornou um poder ambivalente, extraindo sua identidade do Recôncavo, mas fazendo-se representar no contexto político de Salvador. Já no final do século XIX, com o fim do escravismo, a aliança tradicional entre os sistemas econômico e político na Bahia levou a uma postura de tentativa de controle autoritário do mercado de trabalho, que se revelou claramente na declaração das classes produtoras de 1884 – a favor da continuidade do escravismo – e na repressão ao movimento de Canudos, hoje comprovadamente apontado como movimento a ser eliminado, porque atingia a disponibilidade de mão-de-obra para a agricultura.<sup>2</sup>

A visão crítica da constituição do bloco regional de poder, especialmente da constituição das elites da sociedade tradicional, é parte necessária desta revisão. O bloco regional de poder foi formado de uma aliança entre os interesses mercantis de Salvador com os da oligarquia açucareira, com menor participação da oligarquia pastoril, cuja ligação com o controle das terras de cana-de-açúcar é um fato inquestionável. Desde o início da Colônia, o controle da água se estabeleceu como fator decisivo da valorização da terra e deu lugar a notáveis diferenciações entre os programas de produção das diversas áreas da região. A consistência e a intensidade da participação desses grupos na constituição de uma sociedade regional são questionáveis, dada sua incompatibilidade com os demais participantes do meio regional, que os tornou membros à distância do sistema muito mais fluido de solidariedade entre os grupos dominantes o Império Português. Não se deve ignorar que o império valeu-se de um estrato de administradores que transitaram entre os diversos pontos de concentração de interesses do sistema, dando lugar a vínculos com a metrópole, que também funcionaram como atrativos para esses pequenos grupos de oligarcas com pretensões de ascensão nobiliárquica.<sup>3</sup>

As contradições entre os dois primeiros grupos, alimentadas pelos efeitos do controle do comércio sobre engenhos que perdiam posição tecnologicamente, deram substância às lutas da primeira metade do século XIX. Mas esses choques tiveram o efeito indireto de revelar os conflitos fundamentais entre os segmentos livres e os não livres da sociedade, bem como entre os segmentos com acesso a emprego e os que não tinham acesso a ele. A migração de ex-escravos para Salvador significou, na

<sup>1</sup> O Recôncavo da Baía de Todos os Santos é uma região 9.800 km<sup>2</sup> em forma de crescente em torno dessa baía, que foi a principal sede da produção açucareira na Bahia – conquanto certamente não a única – e sede exclusiva de uma produção fumageira especializada – do fumo Brasil-Bahia – além de sede, também, da primeira produção petroleira do país. Reconhecidamente uma região muito urbanizada no período colonial, o Recôncavo tem marcada presença nos planos cultural e político do país.

<sup>2</sup> A recente exposição pública de acervo de cartas de propriedade do Barão de Geremoabo veio documentar esse movimento.

<sup>3</sup> SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988.

prática, que as cidades do Recôncavo, especialmente Cachoeira e Santo Amaro, começavam a perder posição na urbanização no Estado, numa tendência que persiste até hoje. A inibição do crescimento da população do Recôncavo acentuou-se desde 1967, quando coincidiram a desativação do porto de São Roque do Paraguaçu, a inauguração da BR-116 e a implantação do Centro Industrial de Aratu.

A questão fundamental da história econômica da Bahia definiu-se no período entre 1890 e 1914, quando a transição da produção escrava para a assalariada ficou colocada entre os efeitos da abolição da escravatura na produção açucareira e os efeitos da Primeira Guerra Mundial sobre a produção fumageira. Essa transição teve conseqüências internas dos sistemas de produção existentes; e conseqüências externas, da ancoragem da organização regional da economia no contexto internacional. Primeiro, a região foi beneficiada pela imigração, especialmente de alemães, que mercantilizaram e elevaram a qualidade do fumo; e, em segundo lugar, esse aparelhamento mercantil tornou-se parte integrante da organização dos novos segmentos de exportação de cacau e do setor renovado de fumo.

De uma vez, definiam-se os limites da produção tradicional e das relações internacionais de comércio. Nessas condições, o mercado local de trabalho encontrava limites que somente seriam alterados em Salvador, com a primeira industrialização – de fato, entre 1890 e 1914 – e com a formação da infra-estrutura econômica concentrada nessa capital.<sup>4</sup>

A literatura sobre Salvador, do período posterior à guerra com o Paraguai<sup>5</sup> até a crise econômica de 1925,<sup>6</sup> aponta o problema fundamental de ocupação remunerada nos meios urbanos, tanto para os iletrados como para os que tiveram acesso a estudos. A sociedade baiana tornou-se uma sociedade nitidamente de emigração, em todos os níveis de qualificação. Salvador concentrou fortemente as funções urbanas do estado. Mas sua incapacidade de absorver a necessidade de emprego de sua própria população determinou novas rotas interiores das migrações, surgindo fluxos migratórios do interior semi-árido diretamente para o Sudeste do país, enquanto se formavam padrões migratórios internos na direção de Salvador. Desde o Estado Novo, esses fluxos se tornaram notórios, avolumando-se no período aproximado de 1950 a 1980.<sup>7</sup>

Todos esses movimentos têm sua raiz na formação da sociedade escravista e em suas conseqüências ideológicas. A região sofreu sempre as conseqüências da exclusão da maior parte de sua população – escravos e demais destituídos – e da falta de solidariedade local de sua classe dominante. A relação com o exterior foi o elemento unificador da região. Enfraquecida ou eliminada, os grupos dominantes migraram, para Salvador e para o Rio de Janeiro, num fluxo que continuou até a década de 1950, quando diminuiu, para recrudescer com o encolhimento do emprego para executivos na indústria polarizada, desde 1990.

Por isso, a análise histórica regional deve se apoiar no contraponto da relação com o exterior, observando os momentos de relacionamento mais intenso e mais direto; e os momentos de relacionamento mais tênue e indireto. Os estudos sobre o Recôncavo têm padecido de dois grandes defeitos comuns à maioria dos estudos que se assumem como regionais: valorizam demais os aspectos locais da questão e exploram pouco a relação entre a inserção da região escolhida num contexto regional mais amplo e a estruturação local da economia. Entretanto, essa região sempre foi determinada por relacionamentos com o exterior, quase sempre processados através de Salvador.

---

<sup>4</sup> Cabe ver o trabalho de José Luis Pomponet Sampaio sobre a primeira etapa da industrialização e de Waldir Oliveira sobre a “imperial cidade de Valença”, que documentam e interpretam a metamorfose do mercado de trabalho urbano no espaço econômico e social do Recôncavo.

<sup>5</sup> Há em aberto uma questão complexa da história da Bahia, relativa à guerra com o Paraguai, dada pela elevada participação do estado naquele conflito, pelas perdas que ele representou, certamente muito superiores às do Brasil na Itália, e pelas conseqüências posteriores, em termos de emigração induzida e de alteração das relações sociais no meio urbano.

<sup>6</sup> No relativo à crise de 1925, representada pela crise de abastecimento de Salvador, podem ver-se Miguel Calmon Sobrinho e Manoel Pinto de Aguiar.

<sup>7</sup> No relativo a essas tendências, podem ver-se os estudos de Guaracy Sousa, Heloisa Pagliaro e Janet Almeida, sobre diferentes aspectos dos movimentos demográficos na Bahia nas décadas de 1960 e 1970.

Além de tudo, considerada a importância decisiva dessa região na formação da região baiana, é reveladora a escassez de trabalhos sobre o Recôncavo, bem como a predominância de uma visão ainda ligada aos interesses e à visão de mundo da anterior classe dominante. A historiografia da Bahia, especialmente da Bahia negra, tem mudado sensivelmente nas duas últimas décadas, mas persiste um notável desligamento entre os trabalhos de historiadores, demógrafos, economistas, sociólogos e antropólogos.

Tentativas de pesquisa e de planejamento de que tenho participado desde 1985 sustentam o ponto de vista de que nessa região, talvez com mais clareza do que em outras experiências semelhantes, há uma necessidade imperativa de trabalhar com a hipótese de um corte profundo nos processos de estruturação econômica e social, com efeitos decisivos no quadro cultural e ambiental. O corte aqui, aparentemente, é o da modernização local e coloca-se na década de 1950, com a entrada da Petrobras e a produção petroleira. Na realidade, é um corte social muito mais profundo que corresponde a uma ruptura com a sociedade escravista e com o tipo de memória produzido pelo escravismo e pelo ambiente pós-escravista. A sobrevivência de modos de dominação criados no sistema escravista é um aspecto essencial da sociedade baiana da primeira metade do século XX, que condiciona as condições locais de trabalho, assim como se converte em fator expulsivo determinante no quadro das migrações.<sup>8</sup> A predominância de fatores expulsivos sobre atrativos é um traço dominante na dinâmica demográfica na Bahia que se confirmou nas diversas análises feitas do tema, desde a década de 1950.

Crescendo sob a história tradicional, surge outra demanda, de uma história da verdadeira sociedade regional, com sua complexidade e interação de seus participantes reconhecidos e dos negados ou estereotipados pela visão escravista. Será difícil, se não impossível, progredir sem denunciar a continuidade dessa visão escravista na historiografia oficial e sem estabelecer a necessidade de uma visão interna própria do problema. É um problema de sociologia histórica que leva a substituir termos genéricos, tais como o negro, o índio, os pobres, os senhores de engenho, por terminologia mais específica, que revela a pluralidade. Passa-se a falar dos diferentes grupos de negros no ambiente rural e no urbano e com diferentes tradições; de diversos remanescentes indígenas e da presença indígena na esfera da servidão; de multiplicidade de condições de pobreza e de diversos capitalistas, desde aqueles que converteram capital escravista em bancos e em empreendimentos industriais, até os novos capitalistas individuais, que transferem capitais acumulados em atividades urbanas para terras adquiridas como fator de *status* e como modo de acumular fora de suas atividades profissionais especializadas.

Falta uma nova história do Recôncavo, ou uma história do outro Recôncavo, com suas condições de articulação com a expansão do capital na economia baiana e com sua nova estruturação social. Essa carência está latente desde estudos já clássicos da historiografia baiana, como os de Thales de Azevedo, que sugerem a necessidade de identificar categorias adequadas para explicar movimentos de longo alcance da formação da sociedade baiana.<sup>9</sup> Os movimentos do povoamento – ou da formação de assentamentos estáveis – desenvolveram-se junto com os da formação social, podendo ver-se movimentos associados à formação de capital e à estruturação de conjuntos de meios de produção.

A integração dos aspectos socioeconômicos com os socioantropológicos ficou diante de um dilema, entre tratar da história de uma dada sociedade, produzida pelo segmento dominante do ambiente escravista, ou tratar dos processos formativos de sociedade, necessariamente plurais na origem e no desenvolvimento, justamente pela ausência de mobilidade entre o componente escravista e o escravizado. O aparecimento de novos elementos de socialização, dados pelas novas formas de influência de Salvador na região, desde a década de 1950, tornou necessária uma análise capaz de registrar substituições nas formas de organização local da sociedade em seu conjunto, compreendendo os desdobramentos das formas tradicionais de organização e a entrada de novas formas de organização, até então desconhecidas na região.

<sup>8</sup> Ver os trabalhos de Heloisa Pagliaro (IMIC e CRH) e Janeth Souza (CME/UFBA).

<sup>9</sup> Ver Thales de Azevedo, *O povoamento da Cidade de Salvador*.

Os estudos sobre os negros, especialmente, substituindo uma visão genérica de raça própria do escravismo, por uma percepção da complexidade histórica e cultural, projetam nova luz nessa discussão, primeiro, porque transferem o debate sobre o negro da esfera etnocultural para a sociologia histórica, situando-o como integrante essencial da formação social e segundo, porque ajudam a mostrar a complexidade econômica que permitiu o funcionamento da produção escravista, com sua exploração servil de índios e de diversos outros não escravos.

Supera-se, portanto, uma situação anterior em que parecia que o problema social e econômico da escravidão houvesse terminado com a Abolição. Como se não houvesse um problema social representado pela exclusão dos ex-escravos e dos que continuaram em condições de servidão. Ainda é como se a sociedade urbana pós-escravista pudesse manter-se sem utilizar meios de exploração herdados da situação anterior e praticados de modo informal, mas legitimado. Entretanto, este problema se reproduz de diversos modos, desde a desigualdade das condições de mobilidade entre grupos de renda e grupos étnicos até o controle ideológico representado pela própria leitura da história.

Esse desafio ficou claramente configurado quando de uma tentativa de estudos e planejamento cultural, empreendida em 1995 pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, em que pretendemos trabalhar com essa revalorização atual dos equipamentos da região – antigos e recentes – em relação com a trajetória de seus usos efetivos pela sociedade baiana e com suas novas possibilidades de uso. Tornou-se clara a falsidade do argumento de encontrar usos justificados pelo turismo, por separado da genuína funcionalidade social. Também tornou-se evidente a impossibilidade de determinar usos atuais sem um esclarecimento radical de quem seja a sociedade da região ou de como ela se produz.

Com esses elementos, evidenciou-se a necessidade de rearticular a explicação do processo social em função dos elementos comuns à produção mercantil-escravista e à produção capitalista pós-escravista, que são, justamente, os preços da terra e do trabalho. O preço do trabalho na produção escravista é o preço de compra e de manutenção dos escravos, que é um dado que sempre fez com que os escravistas tentassem reduzir ao mínimo a sustentação dos escravos. A desorganização da produção para o mercado exportador teve o efeito indireto de inviabilizar grande parte da produção tradicional para mercado local, reduzindo a produção de alimentos a escalas ínfimas, em que o excedente físico vendável tornou-se quase insignificante. Pequena produção rural, ou produção minifundista, tornaram-se sinônimos de pobreza aguda crônica.

### **A reconstrução do objeto-sujeito histórico**

A análise do Recôncavo territorializa a questão de sociologia histórica na Bahia, onde até hoje falta, claramente, uma correspondente visão de conjunto regional sobre o interior em sua denominação social de Sertão ou em sua denominação física de Semi-árido. Essa dificuldade de alcançar um sentido de totalidade no tratamento do interior do Estado da Bahia é reveladora da opacidade dessa parte da sociedade regional, ou da própria compreensão de Sertão.<sup>10</sup> O Recôncavo contrasta com as demais regiões por ser a única com começo, meio e fim, com limites. A identidade cultural da região é única no Estado da Bahia: o único caso em que as pessoas são conscientes de serem parte de uma região e não de uma localidade ou de um município.

Além disso, no Recôncavo encontram-se, lado a lado, os diversos problemas constitutivos dessa polaridade entre o pretérito presente e o futuro quase perfeito. Segundo a perspectiva a partir da qual é visto, o Recôncavo é uma região subsidiária de Salvador, uma região dotada de poderosa presença no contexto da grande região baiana ou é um espaço regional constituído de uma pluralidade de situações que se prolongaram desigualmente e têm tido condições claramente diferenciadas de comunicação. A perspectiva econômica do problema regional, que se organizou em torno da modernização, descartou uma parte essencial do problema, aquela relativa à presença de elementos

---

<sup>10</sup> “Lugar sertão carece de limites...”. Guimarães Rosa, *Grande Sertão, Veredas*. Desde aí, Sertão é lugar com um significado físico, antes de lugar de história.

de coesão, historicamente formados, que podem refratar os problemas gerais da Bahia, em todo caso, diferenciados dos padrões gerais da própria modernização.

A leitura tradicional da questão regional organizou-se em torno da produção para exportação, principalmente da produção açucareira e mais recentemente da petroleira e resulta numa visão unitarista da região, que não contempla a especificidade da atividade exportadora na formação do conjunto da região. Afinal, a produção para exportação mobilizou apenas uma pequena parte da economia baiana, e mesmo uma pequena parte da economia do Recôncavo.

A pesquisa sobre o papel da produção fumageira ainda é insuficiente nesse aspecto e praticamente não há nada sobre o extrativismo para exportação, de madeiras, outras espécies vegetais e materiais de construção. De todos os modos, a perspectiva da produção para exportação reflete uma sucessão de situações de maior ou menor coesão, mas sempre como um conjunto regido por um único jogo de regras, normas e linguagem. Nessa perspectiva, a região se vê apenas como uma emanção do poder de agregação do capital mercantil agrícola exportador.

Obviamente, é um tratamento parcial, enviesado ao setor exportador e, além disso, com sérias lacunas do tratamento do vetor exportador na região, além de não considerar as inter-relações entre os segmentos exportadores e a reprodução social de base local. Mesmo no auge da produção açucareira o extrativismo foi importante e continuou a ser praticado depois da decadência do açúcar. Do Recôncavo extraíram-se madeiras nobres para exportação até muito recentemente, assim como extraíram-se muitas outras espécies vegetais, tal como foi possível comprovar com dados de produção bruta até a década de 1950.<sup>11</sup> Sobre a exportação de fumo há dados de pesquisas, mas o fumo desempenhou um papel especial, ao ser um setor controlado por capitais localmente formados e por ter dado lugar a uma estruturação de ocupação local.

Na história oficial, essa tem sido a única compreensão da região, que simplesmente se qualifica com referências da presença do governo estadual como principal representação do Estado. Tal visão, no entanto, projeta apenas o perfil do conjunto dominante, formado da união do setor exportador com o poder político organizado. Não considera o papel desse conjunto dominante no relativo à inclusão, não inclusão e exclusão de população, assim como não registra a pluralidade de aglomerações e de contextos culturais que coexistem no Recôncavo. Mais que noutras partes do Estado, o Recôncavo é o lugar de uma pluralidade de situações que compreendem um leque daquelas determinadas pela escravidão e pela servidão, aquelas constitutivas do universo do extrativismo e o elenco de situações pertencentes ao que se aceita como moderno. Como desdobramentos dessa pluralidade, estão as diversas condições de comunicação entre elas, que em seu aspecto negativo indicam as brechas de comunicação entre os diversos grupos participantes do contexto social da região.

Hoje é possível trabalhar com uma proposta de interpretação da constituição do ambiente social do Recôncavo, sobre a base dos elementos identificados como reconhecidos, constitutivos da esfera doméstica e da esfera de mercado, responsáveis dos circuitos de produção de mercadorias e dos circuitos de extrativismo. O extrativismo não é residual, nem se restringe aos segmentos mais pobres da população. Pelo contrário, sempre foi um componente não declarado fundamental para viabilizar a produção de mercadorias exportáveis e inclusive trouxe uma grande parte das mercadorias.

Trata-se de olhar esse passado da região a partir de um quadro desigual de informações sobre a esfera da produção para exportação e da produção para uso local e de um quadro de diversidade de nucleações e de formas de organização que, por sua vez, corresponde a variadas condições de articulação econômica e capacidade de garantir sobrevivência e acumular capital.

As pesquisas realizadas sobre o Recôncavo nos últimos decênios, conquanto dispersas e tímidas, levaram a superar definitivamente a perspectiva escravista, dedicada a relatar os feitos das famílias tradicionais e a perspectiva culturalista, dedicada a descrever a participação dos grupos étnicos e religiosos nos fatos da vida econômica, política e cultural. Há, realmente, um problema

---

<sup>11</sup> Segundo o censo de 1950, o Recôncavo participava da produção de todas as 31 espécies de produção extrativa vegetal registrada para o Estado da Bahia, inclusive de algumas supostamente típicas do semi-árido, tais como licurí e ouricurí.

fundamental, de expor os movimentos de articulação de população e de recursos físicos para a produção mercantil escravista internacionalizada, para a produção industrial escravista e pós-escravista; e de mostrar os modos de absorção de população nos núcleos de sobrevivência na anomia da exclusão; e de pobreza crônica; e os movimentos de população entre essas duas esferas. São esses movimentos que historicamente determinaram a mancha de população diretamente incorporada à sociedade econômica de mercado e à periferia demográfica indireta e frouxamente articulada à esfera de mercado e onde se encontram elementos quase completamente separados de qualquer movimento de mercado.

Nestas notas procura-se chegar a algumas observações significativas a partir de documentos, pesquisas e observações diretas sobre a absorção de trabalhadores nos segmentos integrantes da esfera exportadora, seguindo registros históricos, antigos e atuais, e sobre a absorção da periferia extrativista e da primitiva, principalmente através de indicações atuais. As observações referem-se à esfera do mercado e àquela doméstica, guiando-se no primeiro caso por dados organizados e no segundo caso por observações diversas. Trata-se de uma reavaliação da memória da produção açucareira da produção fumageira, da indústria petroleira e das atividades extrativas articuladas pelo mercado urbano.

A questão é que a sociedade como tal mudou, porém mediante modificações dos papéis desses segmentos que não foram mobilizados – pelo menos diretamente – para exportar. Não há como realizar essa tarefa sem enfrentar o problema de estabelecer o papel dos escravos e quase escravos nos processos da formação social pós-escravista e tratar daquele especificamente relativo aos negros e mulatos pobres constitutivos da maioria dessa sociedade mitificada e negada. Isso tem sido feito por uma nova historiografia baiana, que envolve muitos estudiosos que se dedicam a revelar a complexidade, os conflitos e as fusões que se deram no ambiente escravista.

### **A produção de uma sociedade regional subalterna**

A formação da nova sociedade do Recôncavo não é, de modo algum, homogênea nem constituída de movimentos contínuos. Aparece no plano econômico e político, com a entrada de fatores econômicos e internos – nacionais – como estruturantes da região, substituindo ou complementando os fatores externos – de relações com o exterior – na função de estruturadores de sociedade. A dissolução da produção exportadora escravista foi acompanhada da formação de um capital bancário que se revelou capaz de operar em escala nacional e de funcionar como mediador de uma reorganização dos interesses da produção canavieira, e mesmo da industrial, em novas composições de interesses em capital imobiliário<sup>12</sup> e em outras aplicações, especialmente em pecuária e nos novos segmentos exportadores. Esses movimentos puderam ser acompanhados através da composição do capital dos bancos – Banco Econômico e Banco da Bahia – em notícias de composição das empresas que participaram do mercado imobiliário e das que passaram a beneficiar-se do financiamento preferencial dos bancos de desenvolvimento.<sup>13</sup>

Ao desvanecerem-se os velhos núcleos de exportação e reduzir-se o tempo-distância entre o Recôncavo e Salvador, torna-se visível uma diferença entre os processos de estruturação regional, determinados pelas monoculturas de exportação, e pelos processos de estruturação regional, determinados pelas monoculturas exportadoras, e os processos da sociedade empobrecida e tecnologicamente regredida. O ambiente em que a maioria sobrevive em condições de pobreza aguda é o de uma sociedade do mesmo, quer dizer, em que as condições de reprodução têm permitido a

---

<sup>12</sup> A ata do cartório de Luciano Marback de 1932, que relata a constituição do capital da União Fabril, descreve as participações dos novos sócios, onde constam aportes de capital na forma de terrenos foreiros da Prefeitura de Salvador como se fossem propriedade privada.

<sup>13</sup> Um levantamento da Comissão de Planejamento Econômico da Bahia de 1963 aponta que o Estado da Bahia tinha obtido 60% do crédito preferencial outorgado pelo Banco Nordeste entre 1952 e 1963, quando a quase totalidade desses recursos foi para empresas tradicionais. Informações sobre os usos de recursos do FINOR já da década de 1990 mostram que essa composição do crédito se manteve quase inalterada, ou seja, que as empresas definidas como tradicionais continuaram recebendo recursos preferenciais dos Estados.

continuidade da formação social sem vulnerar suas regras. Pelo contrário, a sociedade que se reorganiza atingida pelas novas regras de articulação regional é uma sociedade da diversidade que se diversifica.

A nova produção de sociedade no Recôncavo resulta da reinserção de componentes da velha sociedade tradicional em formas de organização criadas pela economia urbana de Salvador e por atividades realizadas no próprio Recôncavo. Nas primeiras coincidem a expansão do mercado imobiliário e os efeitos derivados da concentração de despesa pública<sup>14</sup> e de localização de empresas<sup>15</sup>. A rigor, as cidades da região tornaram-se parte da dinâmica da urbanização de Salvador e Camaçari.

A análise dessa experiência suscita uma questão da análise histórica, qual seja, de que o desenvolvimento do sistema produtivo põe em evidência ou fortalece certas formas de subordinação, que antes não foram importantes, ou que simplesmente foram incipientes.<sup>16</sup> A subordinação não é linear em função de níveis de renda, senão constitui um processo que está exposto a influências que se desenvolvem em cada patamar de renda. Por exemplo, a subordinação das empresas que operam no comércio de varejo não é mesma que a do mercado local de trabalho, voltado às faixas de emprego para trabalhadores não qualificados.

O percurso do novo movimento de valorização começa no período do Estado Novo com o aparecimento de políticas de infra-estrutura e de modernização, modificando os papéis de cidades tradicionais. Cachoeira, que sempre fora a porta de entrada para o Sertão através do vale do Rio Paraguaçu, cedeu lugar a Santo Antonio de Jesus, onde se iniciou o plano de transporte rodoviário. A desativação do porto de São Roque do Paraguaçu em 1967 representou a desarticulação do transporte marítimo e sua substituição pelo rodoviário, com o começo da influência de Feira de Santana.

O principal argumento que surge da relação desses processos de dissolução da produção açucareira é a desvalorização da terra, na esteira da perda de rentabilidade, de desmobilização do trabalho escravo e da falta de usos alternativos para essas terras. Observe-se que a desvalorização das terras de fumo foi paralela à fase final da desvalorização das terras de cana-de-açúcar, mas que não se confunde com essas, dentre outras razões, por serem terras com outras características químicas, de altitude e de pluviosidade. Os movimentos de desvalorização generalizada de terras e de revalorização seletiva foram comandados pelo declínio generalizado do açúcar e por alguns movimentos positivos, se bem que fugazes, de preços. Mas, a sobreposição da política financeira especulativa da Primeira República e a restrição de mercado causada pela Primeira Guerra Mundial deram um caráter decisivo ao declínio e à desvalorização.

Nesse quadro, a presença da Petrobras a partir dos anos de 1950 pôs em marcha um processo de valorização de terras, determinado pelas compras forçadas de terras para perfuração e lavra de petróleo. Tais compras deram liquidez a muitos proprietários que já estavam completamente fora do circuito produtivo, e que passavam a reciclar seu patrimônio como base de formação de capital. Como efeito secundário, a presença da Petrobras resultou em estradas locais, que têm alterado os preços das terras na região e modificado as condições de mobilidade das populações locais.

Os subseqüentes movimentos de preços das terras podem ser acompanhados, perfazendo um novo mapa da exploração agrícola, em que o capital passa a estar representado por empresas, inclusive formadas sobre a reciclagem do antigo capital escravista e com financiamento público preferencial; pela entrada de novos pequenos investidores, detentores de capital formado no meio urbano,

---

<sup>14</sup> Um aspecto a ser enfatizado é o perfil de concentração da despesa. A despesa foi canalizada quase por completo para pessoal e manutenção, numa composição que tendeu a manter os desajustes entre a preservação do perfil do Estado na região e a necessidade de uma atuação regionalmente mais significativa.

<sup>15</sup> A localização de empresas passou por duas mudanças de rumo fundamentais, primeiro entre a localização baseada em vantagens locais de transporte e a determinada por vantagens regionais; e segundo, pela substituição das vantagens regionais por desdobramentos locais de decisões nacionais. A primeira caracterizou a substituição de localização entre pontos ribeirinhos do Recôncavo e pontos do sistema de transportes terrestres. A segunda significou a presença de localização de estabelecimentos produtivos por conta da Petrobras e das multinacionais do pólo petroquímico.

<sup>16</sup> Encontra-se uma reflexão oportuna dessa questão em Remo Bodei, em uma análise do desdobramento histórico da hegemonia em ambientes submetidos a controle externo.

principalmente em busca de empreendimentos de baixa densidade de capital, tais como a pecuária e lavouras tradicionais, e portadores de *status*.

No novo processo de formação de preços das terras há, portanto, uma segmentação de mercado entre as áreas afetadas pela nova demanda de terras e pelas áreas onde não foi encontrado petróleo, já que os efeitos dessa demanda não se difundem no mercado de terras da região. Daí, há uma segmentação do mercado que corresponde ao modo de absorção de trabalhadores, entre a esfera da nova produção capitalista empresarial e a esfera da produção capitalista minifundista. A predominância de minifúndios em pobreza crônica é um dado fundamental do problema que indica a questão social relativa ao uso de força de trabalho familiar.

No município de Cachoeira, uma pesquisa local em 1994, em cooperação com o município de Cachoeira, indicou que uns 80% dos estabelecimentos tem um hectare ou menos e que o coeficiente de densidade de ocupação das moradias rurais era de 5 pessoas por cômodo. Para Santo Amaro, encontrou-se que uns 90% dos estabelecimentos agropecuários era de até um hectare. Condições de vida igualmente precárias encontram-se em Maragogipe e em Governador Mangabeira e mesmo em Candeias, que recebeu uma presença mais intensa da produção de petróleo e concentra maior despesa local do sistema da Petrobras. Finalmente, observa-se que em toda a região hoje há um único hotel nível médio, em Saubara, não havendo hotel algum em nenhuma das sedes municipais, nem restaurante algum classificável por padrões de qualidade média.

Hoje as atividades econômicas da região podem ser agrupadas tal como na tabela n.1 a seguir.

Diagrama n.1. Perfil de atividades da região

atividades	tamanho			
	grande	médio	pequeno	micro
extração vegetal variada			x	x
extração pesqueira			x	x
extração materiais construção		x	x	x
pequena produção de alimentos fruticultura			x	x
produtos do mar		x	x	x
açúcar	x			
fumo			x	
artesanato				
avicultura			x	x
bebidas alcoólicas			x	x
petróleo e gás natural	x			

Esse quadro encobre o fato de que se destaca uma diferença entre as atividades da esfera industrial moderna e as da esfera tradicional, em que nas primeiras o emprego caiu mais ou menos de 10 a 1 entre 1986 e 1999 e nas segundas, mesmo naquelas em que há alguma renovação tecnológica, o emprego mais ou menos se mantém. Nessas condições, a região tornou-se a principal supridora de trabalho não qualificado quase servil para Salvador – empregadas domésticas, biscateiros etc. – e em suas cidades passou a depender, cada vez mais, da renda monetária de aposentados.

### Novas manifestações da formação social e de classes

Hoje o Recôncavo representa um processo regional em que os elementos do declínio e da desestruturação da produção tradicional, inclusive da modernizada, se conjugam com os elementos de novas modalidades de inserção no mercado. Mudaram as formas de participação dos capitais

organizados em Salvador, portanto, os mecanismos que atrelam os movimentos de concentração de capital em Salvador e na Região Metropolitana à formação de capital no Recôncavo. A decomposição da produção escravista deu lugar a um quadro especial de regressão dos padrões de tecnologia – em termos relativos a atividades equivalentes e em termos absolutos – conseqüente da característica falta de formação de trabalho qualificado no ambiente do escravismo, Daí acentuaram-se as diferenças entre as atividades que passaram a fazer parte dos processos de renovação tecnológica, as que se mantiveram como adjacentes dos ramos de atividade que são localmente viáveis na escala restrita do mercado urbano da Bahia e as atividades que se reafirmam como características da pequena produção rural e aquática e do extrativismo, representando os níveis mais profundos de pobreza crônica.

No conjunto, há um esvaziamento de atividades localmente centradas e sua substituição por atividades organizadas em Salvador, com uma perda quase completa de relações diretas com o exterior. O Recôncavo tornou-se o *arrière pays* da Região Metropolitana, entretanto, com uma densidade cultural e com novas manifestações econômicas que o levam a diferenciar-se de novos modos, do conjunto mais densamente povoado e mais industrializado. Principalmente, há diferenças na “composição” das atividades, bem como nas perspectivas de desenvolvimento de novas linhas de atividade, que distanciam o Recôncavo da Região Metropolitana,

Na história recente do Recôncavo destacam-se quatro movimentos que alteraram o curso da produção da sociedade da região. São os seguintes:

1. A desestruturação da produção tradicional, inclusive da produção reorganizada de açúcar e da produção modernizada de fumo. Isso aconteceu em impulsos sucessivos de declínio, com correspondentes reduções de escala e fechamento de unidades produtivas. Contribuíram fatores externos, como o fechamento do mercado do fumo, causado pelas guerras mundiais, e fatores internos, com destaque para a falta de adaptação tecnológica da produção, decorrente da atitude do capital mercantilista perante os custos da produção.
2. A desorganização do sistema multimodal de transportes de base aquática e a subseqüente organização de um sistema multimodal de transportes de base rodoviária. A decadência também envolveu o transporte ferroviário, que foi o eixo central do sistema formado no começo do século XX.
3. A ascensão e o rápido fracasso do eixo Salvador - Feira de Santana como base da industrialização do Estado e a concentração das conseqüências negativas das transformações da indústria polarizada. Com o fracasso do complexo de Pedra do Cavalo e a subseqüente perda da produção da pecuária e com a perda de competitividade, houve uma emigração de centenas de empresas durante a década de 1990.
4. A progressiva definição de um novo conjunto de produção subordinada e de organização local com a emergência de pontos de comércio. Desponta Santo Antônio de Jesus e Santo Amaro torna-se uma cidade com o dobro do tamanho de Cachoeira.

A sociedade atual do Recôncavo revela-se em manifestações de suas coletividades e de seus modos de vida, na esfera do trabalho em mercado e na familiar, em campos identificados com a modernização e em campos em que as formas tradicionais simplesmente se recompõem e atualizam. O perfil social do Recôncavo começou a mudar de modo significativo com a formação de sindicatos ligados à produção petroleira, desde a década de 1950. Mas não ficaram restritas a essa sindicalização específica, senão que a região em seu conjunto passou a contar com outras formas de organização do patrimônio e da produção, em que se realizam a formação de capital e o emprego.

Na constituição da sociedade da região distinguem-se três situações principais: a formação social própria do dinamismo do processo colonial, que se dissolveu com a crise econômica do fim do escravismo; a sociedade do marasmo econômico e da anomia social, que corresponde ao período em que Salvador se reorganizou como capital política do Sertão, financiada pela região cacauceira; a

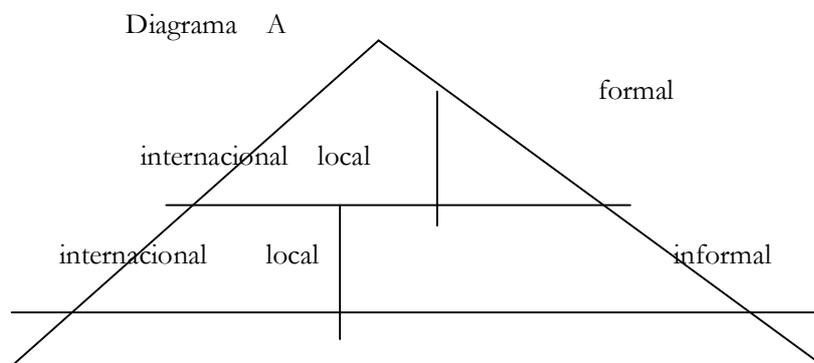
situação em que o Recôncavo ressurgiu como uma região que recebe influências de segundo grau da concentração econômica de Salvador-Camaçari-Simões Filho.

Nas três situações encontra-se a exclusão que corresponde às formas econômicas de servidão e de produção primitiva, principalmente do extrativismo. Adiante, soma-se a exclusão resultante do desaparecimento de empregos já da etapa de produção industrial. Por exemplo, ao longo da década de 1990, fecharam diversas fábricas, dentre as quais, usinas açucareiras, fábrica de papel. Surgiram aviários e algumas pequenas empresas produtoras de bens de consumo.

No conjunto, a estruturação ficou regulada pela relação econômica com o exterior, como formadora de renda e pela economia primitiva, como sustentáculo da sobrevivência da maior parte da pobreza crônica. Os grupos de pobreza aguda que permaneceram na esfera do extrativismo são uma constante da região, variando apenas a regularidade – a intermitência – de sua participação.

A sociedade da região compreende uma esfera incluída na sociedade econômica articulada com o exterior e uma parte localmente organizada, que se reproduz sobre a base material controlada pela pequena produção e pelo extrativismo. A exclusão – incidental ou permanente – de grande parte da população leva a revisar a conceituação de sociedade, antes que a contrastar à sociedade burguesa com seus antecedentes, sejam eles caracterizados como feudais ou não.

A questão se apresenta agora em termos de variações da mobilidade dos grupos organizados e da mobilidade no ingresso nesses grupos. Comparam-se situações anteriores, em que as áreas de participação estiveram claramente demarcadas e onde houve mais mobilidade para os grupos vinculados a relações internacionais, com situações mais recentes, em que surgiram grupos com maior mobilidade, nos diferentes patamares de renda, inclusive entre a esfera dos relacionamentos internacionais e a da produção para o mercado regional e local. As duas situações podem ser representadas tal como nos diagramas A e B a seguir.

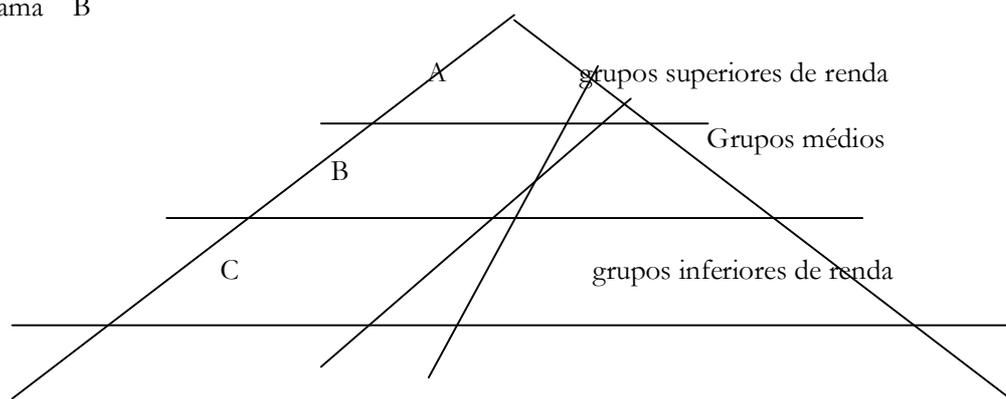


Essa rigidez de posições nos planos formal e informal, junto com a demarcação entre a esfera de atividades ligadas ao exterior e a esfera das atividades locais, descreve o ambiente social tradicional, herdado do escravismo. Mas a emigração das elites tradicionais deixou o espaço social exposto às novas influências da urbanização de Salvador, assim como deixou emergirem as manifestações da socialização local. Configura-se nova situação, em que há condições próprias de mobilidade dos grupos superiores e dos grupos inferiores de renda. As variações de mobilidade dependem do acesso a faixas específicas de mercado, tanto de atividades legítimas como de atividades toleradas, tanto de atividades regulares como informais. Os grupos com níveis mais altos de escolaridade participam do mercado regular de trabalho de Salvador e RMS, enquanto os grupos de pouca escolaridade encontram mecanismos familiares e semelhantes, para chegar a faixas de mercado tais como de pequeno comércio e de pessoal de serviço em edifícios, empresas de segurança e outros. Outras opções de acesso a mercado de trabalho são dadas pelo esporte profissional e pelas indústrias culturais, que ganham maior notoriedade. Por fim, as atividades não reconhecidas, ou ilegítimas, como a prostituição e a contravenção, terão que ser consideradas nessa sociologia histórica.

Na prática, a nova configuração do trabalho está claramente determinada pelas transformações das condições de sobrevivência, O movimento geral de emigração de empresas, que se configurou na Bahia desde aproximadamente 1991, tem suas últimas conseqüências no Recôncavo, onde além de desaparecerem os postos de trabalho ligados às atividades industriais em geral, encontram-se os efeitos do retorno de trabalhadores originários dessa região e desempregados na RMS. A busca de ocupação em Salvador tornou-se um imperativo da região, agora facilitado pela melhoria dos transportes, incluindo um número crescente de pessoas que moram no Recôncavo e trabalham em Salvador. Essas tendências facilitam práticas já tradicionais, de emprego de trabalhadores não qualificados em atividades de baixa remuneração em Salvador, especialmente de empregadas domésticas e de pessoal de apoio em edifícios e demais formas de emprego ligadas a serviços às famílias.

A prostituição é um aspecto pouco exposto dessa formação social marcada pela pobreza, apesar de ter sido sempre uma marca da duplicidade ética e da ambigüidade de valores da sociedade tradicional. É uma atividade profundamente enraizada no modo de vida da sociedade segmentada, que entretanto só passa a ser tema legitimado de análise quando atinge grupos sociais supostamente imunes a essa situação. Claramente, a generalização do desemprego leva a uma mudança de atitude perante a prostituição, que se vê com um fatalismo próximo daquele com que os escravos tiveram que sobreviver. Aí, os efeitos do consumismo são uma referência secundária, que se soma ao imperativo da sobrevivência.

Diagrama B



As modificações da composição do capital social básico e das relações com a urbanização e com o mercado de trabalho da região metropolitana, significam que maior número de pessoas ingressa na condição de trabalhadores no mercado de trabalho dessa região maior, alterando as condições locais de sobrevivência e o controle do mercado de trabalho. Este se torna diferenciado para os grupos que encontram meios de se deslocarem, seja mediante deslocamentos diários para trabalhar em Salvador, ou migrando, movendo-se mediante mecanismos de associação familiares e de vizinhança.

A mobilidade é a nova variável a ser considerada, inclusive por seu papel na reestruturação das relações de classe e por seus efeitos cumulativos. Há diferentes condições de mobilidade para os diversos grupos, tanto por suas condições de renda, como por sua inserção em coletivos organizados, tais como igrejas e partidos políticos. O fator político tornou-se progressivamente decisivo, na medida em que a emigração dos anteriores grupos dominantes cedeu lugar para a formação de um “capital” político, cobiçado no contexto do estado em seu conjunto. Adiante, a região passou a receber contingentes de trabalhadores ativos e de aposentados da indústria polarizada, constituindo um novo grupo de renda significativo.

## Cultura como destruição da negação

O Recôncavo tem sido apontado como o lugar de uma significativa vida cultural, basicamente identificada com seus elementos de tradição, de certos componentes da cultura tradicional, especificamente daqueles elaborados pelos segmentos dominados da região. Mas a aceitação e a incorporação dessa tradição na constituição do cotidiano ainda é irregular, incerta e parcial. O próprio modo como o conceito de cultura é socializado deixa lugar para controvérsias. Cultura se entende como o conjunto de expressões esteticamente consistentes com a formação social, que de algum modo exprimem uma experiência socialmente incorporada, mas que não necessariamente indicam uma reflexão sobre essa experiência. Trata-se, antes, de uma totalidade de fato, que se faz ver, em seus sucessivos momentos, pelo modo como representa o contexto local de identidade.

Claramente, há manifestações culturais que refletem a visão de mundo do projeto de dominação, outras que representam a própria dominação e outras ainda que refletem a diversidade das relações desiguais. A legitimidade das manifestações culturais depende da aceitação de uma cultura por outra, ou seja, de como cada situação de diversidade compreende, ou simplesmente registra, outras manifestações. Logo, não há como ignorar que a capacidade de perceber a diversidade e as peculiaridades culturais depende da posição em que se encontram os analistas.

Assim, a modernização terminou por atingir indiretamente a esfera cultural, com nova valorização de costumes, práticas e linguagens. A ruptura dos sistemas de controle do escravismo abriu espaço para uma nova mercantilização dos produtos culturais das tradições regionais, especialmente dos grupos sociais dominados, principalmente da estrutura etnocultural de base negra. Os elementos culturais de religião e da velha urbanização da região, junto com elementos do meio rural e aquático, transferidos àquelas cidades, configuraram um quadro cultural, já não completamente espontâneo, mas em todo caso, que se torna progressivamente visível que se torna um meio de expressão economicamente válido, por isso, ganhando nova legitimidade. A cultura do Recôncavo deixa de ser apenas um tema para artistas e literatos de fora da região, para ser um canal de expressão reconhecido no contexto do Estado e perante a exposição do Estado a outros, dada pelo turismo.

A recente expansão do capitalismo na esfera cultural na Bahia tem se apoiado principalmente na simbologia da cultura negra, cuja principal referência territorial é o conjunto Salvador-Recôncavo. As referências territoriais tornam-se uma mediação da formação cultural, que são afetadas pelas influências propiciadas pela localização. Os fundamentos tradicionais da cultura, responsáveis por sua autenticidade, tornam-se uma questão a ser reestruturada e, segundo os meios de divulgação, permitem maior conhecimento do universo de produção cultural. Neste novo mapa da cultura, Salvador e o Recôncavo ocupam uma posição especial como referências das demais regiões, em parte pelo sucesso alcançado por suas representações, porém num sentido mais rigoroso, por concentrarem a maior densidade de expressões de continuidade.

Num quadro cultural geralmente dominado pelo contraste entre o barroco representativo do poder colonial e a arte popular, há um problema ainda por resolver que é a determinação dos espaços efetivamente ocupados por essa cultura, que ascende desde sua anterior condição de pária à de expressão universalmente reconhecida como legítima e representativa do contexto cultural da região em seu conjunto. Mas não há dúvida de que essa legitimação da arte popular constitui um meio de esvaziar e minimizar a negação de segmentos da sociedade, característica do mecanismo do escravismo.

Cultura aqui envolve economia e influência sobre os modos utilitários de comunicação, portanto, significa que as manifestações culturais devem ser vistas por sua carga de valorações, junto com sua qualidade estética. A ampliação da esfera de transações econômicas com objetos culturais cria novos espaços de interesse, que ignoram as anteriores separações de casta. A mercantilização de objetos culturais e a criação de estruturas empresariais, inclusive com efeitos significativos na esfera industrial, têm criado novos grupos de renda, que reproduzem a economia desigual, talvez em suas formas mais acentuadas, mas que em todo caso abrem oportunidades de trabalho para grupos da sociedade do Recôncavo.

Por fim, as ligações que surgem entre a indústria cultural e novos projetos de infra-estrutura ligados ao turismo e atentos aos movimentos da indústria cultural, indicam ampliações desses novos espaços de trabalho. O marasmo deixa de ser a simples prostração social crônica para ser o ambiente em que se manifestam as pulsões locais de busca de novas condições de identidade. Surgem diversos sinais de dinamização da sociedade regional pauperizada, justamente através dos mecanismos de identidade da pobreza, tais como são as associações rurais de minifundistas<sup>17</sup>, as associações religiosas<sup>18</sup> e a música popular. Num impulso de otimismo que pode ser desmentido pela repetição do círculo vicioso da dominação, pode-se esperar que surjam movimentos locais capazes de identificarem focos de interesses suficientes para renovar a esfera da política. A realidade social se revela com mais objetividade, justamente, quando há alguns sinais de ruptura com o ranço do escravismo.

### Referências bibliográficas

- AGUIAR, Manoel Pinto de. *A abertura dos portos do Brasil*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955.
- ARAGÃO, Francisca. *O doce do açúcar que virou amargura*. Salvador: Dissertação de Mestrado, FCE/UFBA, 1998.
- ARAÚJO, Nelson. *Pequenos mundos, um panorama da cultura popular da Bahia, tomo 1, o Recôncavo*. Salvador: UFBA/Fundação Casa de Jorge Amado, 1986.
- AZEVEDO, Thales. *Povoamento da Cidade de Salvador*. Salvador: Itapoan, 1967.
- BARICKMAN, B. J. *A Bahian counterpoint*. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- BOXER, Charles. *A idade de ouro do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BRANDÃO, Maria Azevedo (org.). *Recôncavo da Bahia, sociedade e economia em transição*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1999.
- BAIROS, Luiza, *Pecados no paraíso racial: o negro na força de trabalho da Bahia, 1950-1980*. In: REIS, João José (org.). *Escravidão & invenção da liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CALMON SOBRINHO, Miguel. *Décadas da economia baiana*. Datilografado.
- CONDER. *Estudo agro-pecuário do Recôncavo*. Salvador, 1972.
- COSTA PINTO, L.A. *Recôncavo, laboratório de uma experiência*. Rio de Janeiro, 1958.
- GERMEN. *Baía de Todos os Santos, diagnóstico sócio ambiental e subsídios para a gestão*. Salvador: Edições Germen, 1997.

---

<sup>17</sup> Este autor teve a oportunidade de participar de um seminário de troca de experiências reunindo 35 associações rurais em Cachoeira em 1995, quando se teve a oportunidade de ver objetivizada uma linguagem rural alternativa à linguagem estereotipada das "lideranças" locais.

<sup>18</sup> A centenária Irmandade da Boa Morte, uma organização leiga de solidariedade social, integrada por mulheres negras de Cachoeira certamente é o exemplo mais notável dessa manifestação.

- GURVITCH, Georges. *La vocation actuelle de la sociologie*. Paris: PUF, 1950.
- IRDEB. *O Estado Novo na Bahia*. documentário filmado, Salvador, 1999.
- INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DO AMBIENTE. *A valorização social e ambiental do Baixo Paraguaçu – um projeto para a região*. Salvador, 1990.
- LAPA, José Roberto do Amaral. *A Bahia e a carreira da Índia*. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- MAURO, Frédéric. *Portugal, o Brasil e o Atlântico*. Lisboa: Estampa, 1989.
- NUNES, Mayesse El Sayegh. *Problemas regionais de emprego e renda: o exemplo de Santo Amaro da Purificação no Recôncavo Baiano*. Salvador: Dissertação de Mestrado, FCE/UFBA, 1996.
- OLIVEIRA, Waldir. *História de um banco*. Salvador: Banco Econômico, 1996.
- PALLOIX, Christian. *A economia mundial capitalista*. Lisboa: Presença, 1972, 2 vols.
- PEDRÃO, Fernando. *Recôncavo, uma análise social regional*, Cadernos, FCE/UFBA, Salvador, 1986.
- \_\_\_\_\_. *O extrativismo e a periferia da produção*. Ensaio apresentado ao III Congresso de História.
- \_\_\_\_\_. *Tecnologia, energia e ambiente: aspectos de método e da experiência do Baixo Recôncavo*. Relatório apresentado ao CNPq, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A dialética do colonialismo e as transformações econômicas da colônia*.
- RAMOS, José Alberto Bandeira. *A crise da economia fumageira do Recôncavo da Bahia nos últimos quarenta anos*. Salvador: Dissertação de Mestrado, FCE/UFBA, 1990.
- REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito, a resistência negra no Brasil escravista*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos internos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Silvio Bandeira de Mello e. *O sistema urbano-regional do Recôncavo*. Ensaio apresentado em Seminário sobre o Recôncavo, Salvador, 1998.
- SOUZA. Guaracy A. e outros. *Bahia de todos os pobres*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SOUZA, Paulo César. *A Sabinada, a revolta separatista da Bahia (1837)*. São Paulo: Brasiliense, 1987.